

Imagens e representações: o nordeste brasileiro representado entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX

Ivete Batista da Silva Almeida

Faculdade Shalom de Ensino Superior
Uberlândia – Minas Gerais – Brasil
ivetebسالmeida@usp.br

José António Martin Moreno Afonso

Universidade do Minho
Braga – Portugal
jafonso@uminho.pt

Resumo: Neste artigo desejamos entender como as secas periódicas e seu produto social, o retirante, tornaram-se a representação mais poderosa das paisagens e gentes do Nordeste brasileiro, principalmente quando observamos duas importantes fontes: a imprensa ilustrada do final do século XIX e os manuais escolares. Percebe-se nesses documentos que em ambos a imagem ratifica o discurso civilizatório que fechava os olhos para os problemas sociais. Após análise documental, consideramos a cobertura da seca de 1877-1879 como um marco do nascimento do fotojornalismo no Brasil e do surgimento de uma imprensa que desejava denunciar a calamidade da seca.

Palavras-Chaves: Nordeste brasileiro. Imprensa ilustrada. Manuais escolares. Fotojornalismo.

Introdução

A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol (FREYRE, 2004, p. 45).

A afirmação de Freyre expressa o que por muito tempo se sucedeu em relação às representações coletivas do Nordeste e dos nordestinos. Conhecidas desde o período

colonial, impressionando pela brutalidade de seus resultados, com intermitência de aproximadamente dez anos e duração de até cinco, as secas periódicas e seu produto social, a emigração, se transformaram para as populações dos estados do Sudeste em um signo natural, que solapou por décadas quaisquer outras representações imagéticas das paisagens e das gentes do Nordeste veiculadas tanto pela imprensa quanto pela escola. Entender, a partir de quando essas imagens se transformaram em imagens ícone do Nordeste é o exercício de reflexão que faremos aqui.

Ao contrário da Europa que graças ao desenvolvimento das técnicas de reprodução de imagens e ao grande número de impressores-editores, conviveu desde o século XVI com o comércio e a circulação de imagens reproduzidas em formato de gravuras, no Brasil, apesar da criação da imprensa régia em 1808, a imagem nos jornais, só viria a aparecer, ainda que timidamente, após a independência, quando se passou a ter a liberdade de imprensa e um maior número de jornais por todo o país.

Nesse momento começariam a surgir as imagens de retratos e vistas, ainda que impressos separadamente do conjunto do periódico. Uma imprensa ilustrada propriamente dita desenvolver-se-ia de forma mais significativa a partir da metade do século XIX (ANDRADE, 2004, p. 40), quando então, a ilustração nos periódicos e livros traria a substituição da antiga xilografia pela litografia e a utilização de fotografias para a produção de imagens que versariam sobre um conjunto de temas considerado socialmente importante ou atrativo. Uma vez organizado, esse repertório de temas e imagens poderia ser reproduzido em diferentes espaços discursivos.

Imagens do Nordeste: Os manuais de Geografia do final do século XIX

Enquanto a imprensa do final do século XIX vivenciava o surgimento de diferentes formatos de periódicos ilustrados, que vinham para atender às mais diferentes demandas, os manuais escolares brasileiros do período respondiam timidamente à chegada das novas técnicas de reprodutibilidade das imagens impressas. Em nosso caminho de análise, interessa-nos as disciplinas que, por excelência ocupavam-se de apresentar e explicar as características e as origens do Brasil: a História e a Geografia. Recuperando nossa influência mais antiga de modelo didático-pedagógico, temos que, na educação jesuítica, a Geografia não figurava como disciplina autônoma, tendo seus temas discutidos no bojo de outras, como as de línguas, gramática e matemática (OLIVEIRA, 2010, p. 49). Apenas quando da separação entre Brasil e Portugal é que a Geografia

ganharia maior importância, sendo ministrada juntamente com a História, no currículo do Colégio Pedro II, a partir de 1838 e separadamente, a partir de 1857 com a criação da disciplina Corografia do Brasil.

Em Portugal, encontramos a Geografia como conteúdo específico nos manuais escolares do início do século XIX a partir do *Compendio de Geographia e Historia antiga e moderna e Chronologia*, de J. P. C. Casado Geraldês, manual de Geografia de 1826 e, em 1830, *Lições elementares de Geographia e Chronologia*; ambos unindo História e Geografia, e trazendo em seu interior mapas impressos. Esses materiais se dirigiam aos alunos dos liceus e das escolas técnicas. As ilustrações, com paisagens, flora, fauna, etc, apareceriam bem mais tarde, com os manuais *Elementos de Geographia geral* (1891) e *Chorographia de Portugal – illustrada* (FERNANDES, 2007, p. 5); nesse momento a Geografia deixava de ser descritiva e enumerativa, assumindo um perfil mais didático-pedagógico, no qual as noções expostas no texto seriam ratificadas por imagens numa relação de redundância e por vezes de colaboração¹.

Somente a partir dos anos 1920, em Portugal, os manuais de Geografia passariam a assumir um formato mais moderno, trazendo ilustrações, gravuras e fotorreproduções de cenários naturais e urbanos, para auxiliar a compreensão dos conteúdos (FERNANDES, 2008). Quanto à questão espacial, as gravuras impressas nas publicações dos anos de 1880, em geral, ocupavam uma página em separado, ou o topo da página; já nas publicações dos anos de 1920 em diante, temos outras escolhas, que apresentam diferentes soluções para a posição espacial da imagem no livro. Acreditamos que, no caso dos manuais, os recursos de impressão tenham sido o fator determinante para essas escolhas, posto que as técnicas de reprodução utilizadas dificultassem a impressão de texto e imagem na mesma página (Figura 1). Esse obstáculo técnico praticamente impedia uma maior articulação dialógica entre texto e imagem legando à imagem uma função apenas de redundância em relação ao texto.

¹ Segundo Van der Linden (2011, p. 120-121), na relação de redundância seria como um grau na relação texto e imagem pois não haveria nenhum sentido suplementar. A imagem repete a mensagem do texto, porém pode haver um volume maior ou menor de informação em um dos dois, uma vez que seria impossível que tivessem conteúdos idênticos. Já na relação de colaboração ou complementaridade, o significado não se encontra totalmente em nenhum dos dois – texto ou imagem – mas sim na relação entre ambos.



Figura 1: Classificação dos homens.
 Fonte: LACERDA, 1884, p. 22-23

Ao final do século XIX, os manuais escolares brasileiros já possuíam características de modernização estética. Acompanhando as mudanças trazidas pela imprensa periódica, os manuais brasileiros se utilizavam cada vez mais da imagem como recurso didático; uma mudança como essa, só aconteceria nos manuais portugueses, por exemplo, a partir dos anos de 1920. No caso dos manuais escolares de História, estes permaneceriam tal e qual os manuais portugueses, com a presença ainda tímida de imagens, praticamente restritas às efigies dos reis e heróis-da-pátria. Quanto aos manuais brasileiros de Geografia, na década de 1880, encontramos exemplares fartamente ilustrados, versando não apenas sobre a descrição física e quantitativa do território brasileiro e do mundo, mas também trazendo imagens sobre os diferentes tipos humanos e seus costumes.

Utilizada como instrumento para auxiliar o aprendizado das ciências, como sugere Ivins Jr. (1953)², a ilustração nos manuais de Geografia aparece em forma de mapas, descrições da flora e em esquemas matemáticos que procuram ilustrar os cálculos para o estudo das coordenadas geográficas.

² Para Ivins Jr. (1953), a imagem impressa foi a responsável por um enorme efeito sobre o pensamento, as ciências e a tecnologia; áreas como a botânica e a Geografia não poderiam ter se desenvolvido de maneira ampla, sem a imagem impressa.

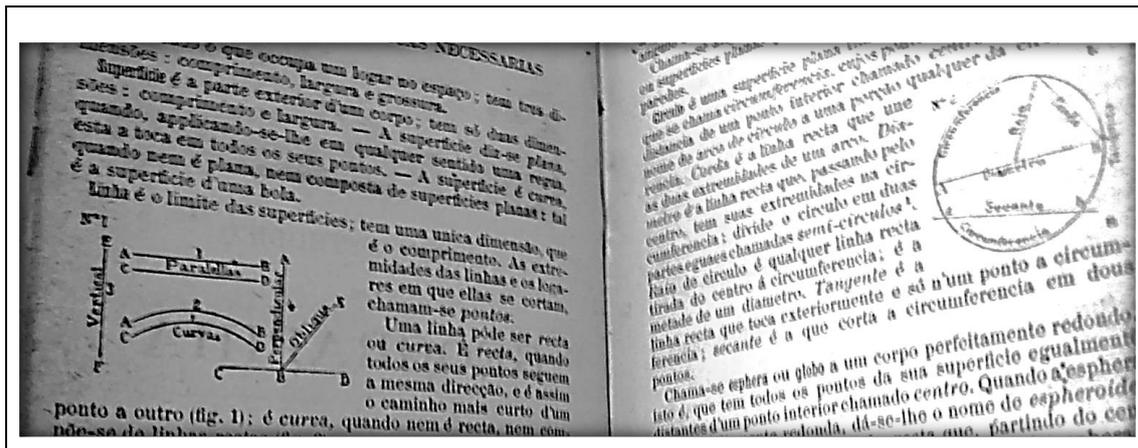


Figura 2: Linhas. Definições geométricas necessárias.
 Fonte: LACERDA, 1884, p. 16.



Figura 3: Fruta-pão.
 Fonte: LACERDA, 1884, p. 77.

No caso da figura 2, seu objetivo é elucidativo, demonstrando em forma gráfica aquilo que havia sido exposto textualmente; já a figura 3 segue o apuro de detalhes das ilustrações dos estudos de botânica dos viajantes dos séculos XVIII e XIX. Colocando o ramo em destaque, não apenas os formatos e proporções do espécime são apresentados, mas também as texturas do caule - como no detalhe do corte transversal da base - das folhas e do fruto; detalhes que complementam a mensagem do texto.

Além das ilustrações de cálculo e da botânica, alguns manuais de Geografia traziam em suas páginas gravuras e fotorreproduções, que surgiam em uma sequência de itens que se repetiam durante a apresentação de cada uma das províncias do império; uma a uma vão sendo estudadas a partir de seus dados quantitativos de extensão, população e produção, acompanhados de ilustrações de paisagens-ícone, que simbolizavam a exuberância da natureza - as cachoeiras; a presença do homem e a

chegada do desenvolvimento - os rios; e finalmente, as imagens que representariam àquela época o auge da civilização - as paisagens urbanas.

Cachoeiras

As imagens de cachoeiras, presentes nos manuais, seguem um padrão semelhante ao da foto de Marc Ferrez, da Cachoeira de Paulo Afonso, publicada na *Ilustração Brasileira* (ANDRADE, 2006, p. 74) em 1878. Na foto, temos a queda d'água ao centro, trazendo os contrastes entre as zonas de branco intenso e preto intenso, produzindo o efeito de luminosidade e a disposição das pedras na água, criando diferentes níveis de profundidade além da presença de galhos ou perfis de árvores, auxiliando na percepção das proporções do acidente geográfico em destaque.



Figura 4: Cachoeira de Paulo Afonso, foto de Marc Ferrez publicada na ilustração Brasileira de julho/agosto de 1876. Fonte: *O Design brasileiro antes do design*, p. 74.



Figura 5: Salto de Sete Quedas.
Fonte: PINTO, 1885, p. 181.

Mesmo na década de 1920, o padrão permanecia muito semelhante:



Figura 6. Alagoas.
Fonte: HOMEM DE MELLO, 1923.

Rios

Quanto aos rios, embora as ilustrações apareçam como componente do item 'potamografia', os rios são sempre apresentados em conjunto com outros elementos que denotam a presença do homem associando-se assim, não apenas a uma narrativa sobre a natureza do espaço descritivo, mas à presença do homem neste mesmo espaço. O perfil escolhido sempre nos mostra as margens habitadas, sejam vilas ou cidades, as construções que bordejam o rio, atenuando a representação de lugar ermo, reforçando um discurso sobre a urbanização em processo das províncias.

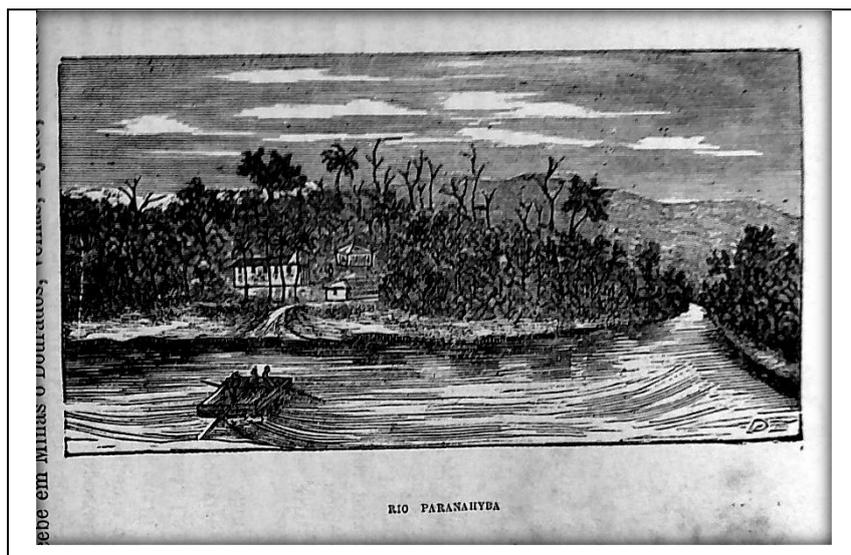


Figura 7: Rio Paranaíba.
Fonte: PINTO, 1885, p. 230.

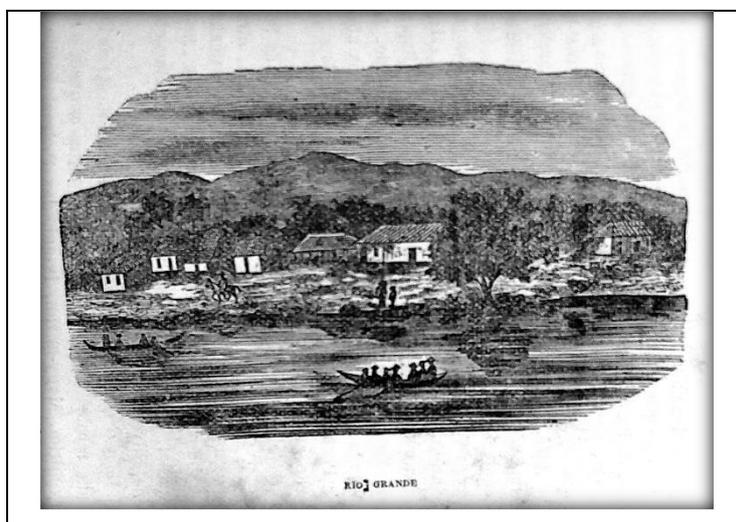


Figura 08: Rio Grande – divisa São Paulo e Minas Gerais.
Fonte: PINTO, 1885, p. 163.

A relação entre o rio e o homem e entre o rio e a representação do desenvolvimento, pode ser observada na escolha das imagens-icone de outras cidades, imagens que ilustraram cartões postais e livros, reproduzidas em forma de gravuras e fotogravuras e que eternizaram os perfis de várias capitais europeias, também nas páginas dos manuais escolares.

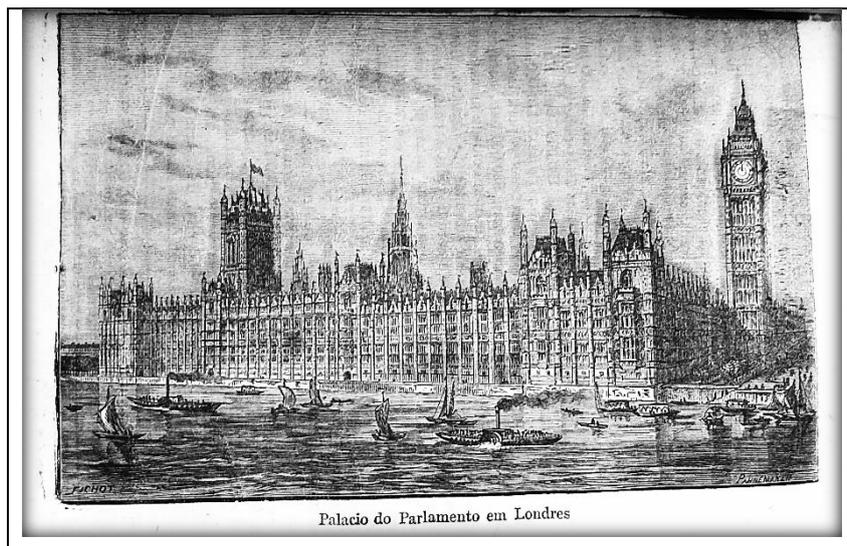


Figura 09: Palácio do Parlamento em Londres.
Fonte: LACERDA, 1884.

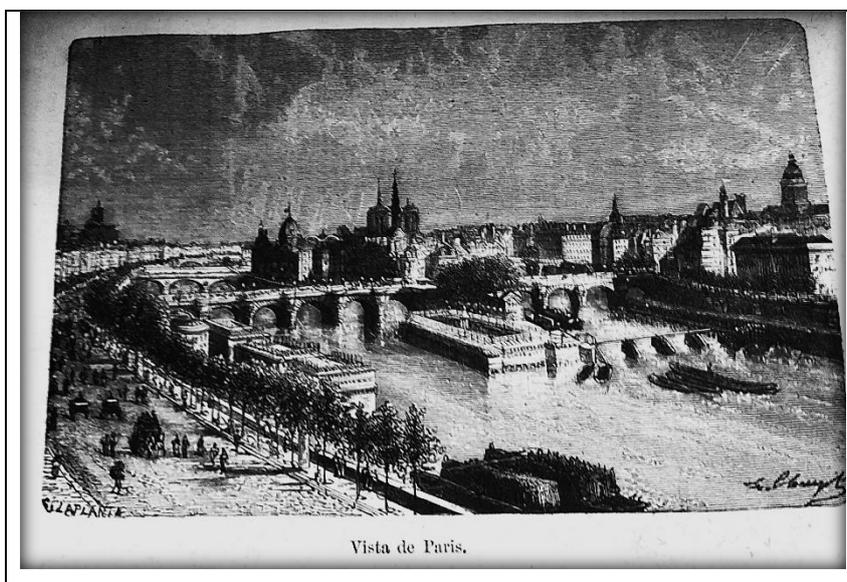


Figura 10: Vista de Paris.
Fonte: LACERDA, 1884.

Esse padrão de representação, no caso brasileiro, pode ter-se popularizado a partir da divulgação de imagens como a bela cromolitografia de Auguste Sisson, que faz parte do *Álbum do Rio de Janeiro Moderno* (1857), composto por 12 cromolitografias ovais com paisagens do Rio de Janeiro, que consagraram a Baía de Botafogo como imagem símbolo da capital do império.

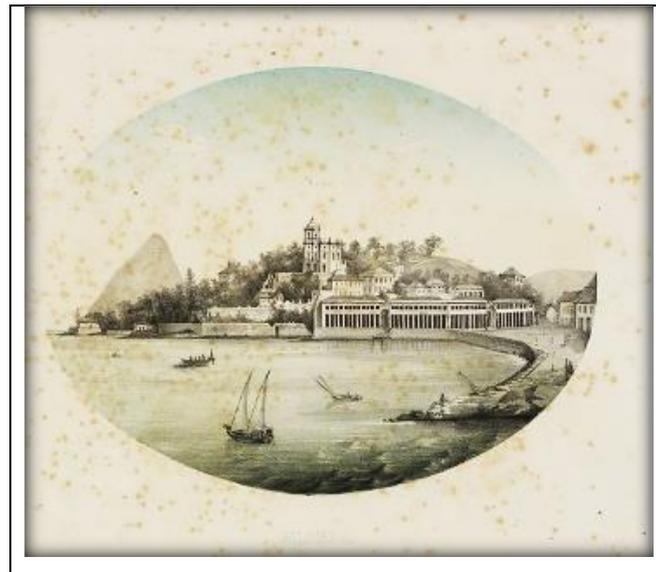


Figura 11: Baía de Botafogo.

Fonte: Sebastien Auguste Sisson, *Album do Rio de Janeiro Moderno*. Cromolitografia.

O perfil escolhido por Sisson, que unia natureza exuberante e as marcas da urbanização, seria reproduzido incansavelmente; multiplicado e veiculado em diferentes suportes e diferentes épocas, presente tanto nas páginas das revistas ilustradas da época, quanto nas páginas dos manuais escolares brasileiros e estrangeiros.

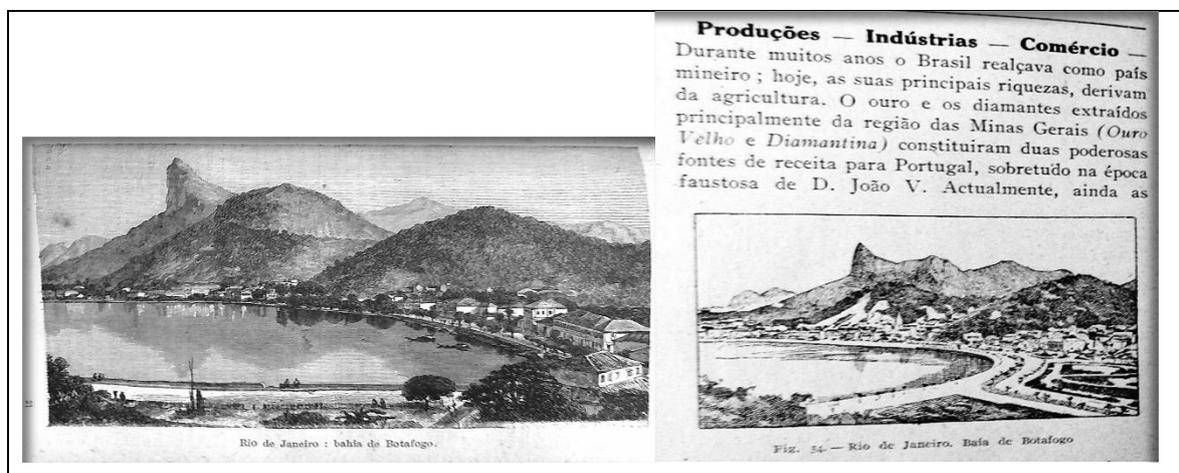


Figura 12: (À esquerda) Baía de Botafogo. Fonte: LACERDA, 1884, p. 21.

(À direita) Rio de Janeiro. Baía de Guanabara. Fonte: SCHWALBACH, 193-, p. 130.

Paisagens urbanas

No caso das paisagens urbanas temos basicamente dois tipos: aquelas que demonstram um convívio harmônico entre urbanização e natureza e aquelas que desejam ressaltar um adiantado processo de urbanização. Com cortes diagonais que conferem

profundidade à imagem, as paisagens urbanas trazem ainda elementos como transeuntes, arbustos, árvores, postes, dispostos de maneira que nos permita perceber as dimensões dos prédios, que são o objeto central da imagem.

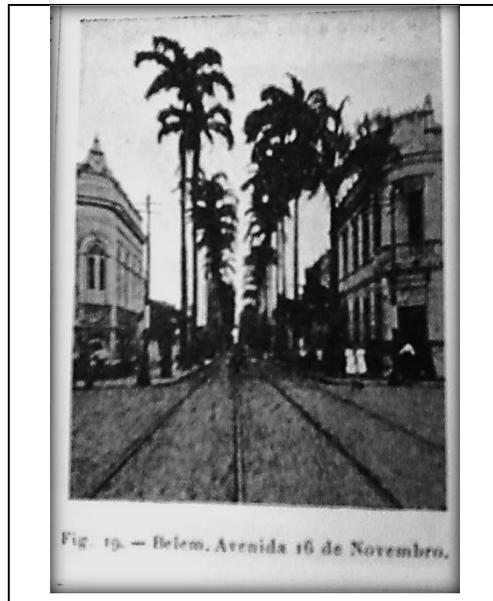


Figura 13: Belém. Avenida 16 de Novembro.
Fonte: HOMEM DE MELLO, 1923.

Contudo, é importante observar que as vistas escolhidas para um tipo e para outro também seguem um padrão, priorizando símbolos do estilo arquitetônico e da urbanística do final do século XIX: os prédios públicos – principalmente os de inspiração neoclássica e as palmeiras imperiais, como nas figuras 13 e 14.



Figura 14: *Geographia* – Praça da República. Palácio do Governo. Recife.

Fonte: HOMEM DE MELLO, 1923.

O Brasil dos manuais do final do século XIX e início do século XX, era descrito a partir de um roteiro previsível, homogêneo, a escolha das imagens demonstrava a preocupação em apresentar as semelhanças e não as particularidades das províncias, construía-se assim a representação de um ‘Brasil republicano’, com seus ícones de progresso, como os bulevares coroados pelos edifícios em estilo neoclássico e pelas incontáveis “Praças da República”, presentes não somente nas capitais mas em todas as cidades que iniciassem seu processo de reforma urbana.

Observa-se contudo que não há imagens do sertão. Não há imagens do sertanejo ou das secas, as imagens são atemporais e desprovidas de elementos antropológicos significativos. As imagens que se remetem ao Nordeste acompanham o mesmo roteiro de temas daquelas do Sudeste: força da natureza, representada pelas águas ou, raramente, por uma mata sendo desbravada; o rio como via para levar o progresso para todos os recantos do país e as cidades em crescimento.

Essa padronização dos temas gerava uma regularidade que poderia ser interpretada como um desejo de expressar ordem e estabilidade; um desejo de apresentar o Brasil como uma sociedade em processo de desenvolvimento e urbanização; um Brasil civilizado.

Civilização, torna-se uma ideia muito cara ao homem do final do século XIX e início do XX. Para Norbert Elias (1997, p. 13 *apud* ZIMMERMANN, 2008, p. 55-65), trata-se de um conceito criado no Ocidente, associado a diferentes variáveis, como o desenvolvimento das técnicas, o desenvolvimento das ciências, a transformação dos costumes, as transformações na visão de mundo e também, as transformações na compreensão da intervenção divina na vida dos homens:

Primeiramente, expressava o sentimento de superioridade das chamadas classes superiores sobre as consideradas inferiores e depois passou das nações ocidentais como um todo sobre as demais regiões no mundo com vistas à legitimação da colonização. Essas sociedades procuravam caracterizar-se pelas suas especificidades e com aquilo que lhes conferia orgulho. Essas especificidades, tais como atitudes, sentimentos e modos de conduta, eram tidas como “naturais”.

Chama-nos a atenção, o fato de que, nessa perspectiva, tanto as sociedades ditas civilizadas assumem a posição e a missão civilizadora, quanto aquelas ditas não-civilizadas, em grande medida, aceitam o papel de “não-civilizadas”. Quanto mais semelhante ao modo de vida europeu, mais civilizado; quanto mais distante do modo de

vida europeu, mais bárbaro. Em *Raízes de Minas*, Simeão Ribeiro Pires (1979, p. 35), referindo-se às características da região, resume, em poucas linhas, essa ideia: “visavam todos a uma vida de aventuras honradas ou de assaltos, nos ermos distantes do poder real e de suas autoridades. Era o Sertão lenda. Bravio e de paixões. Em uma única palavra, o Sertão dos facinorosos na expressão de Diogo de Vasconcelos”.

No século XIX, tanto durante o segundo reinado quanto na primeira república, algumas preocupações frequentavam a fala oficial, demonstrando grande preocupação em transformar o Brasil numa nação civilizada, sendo que, para isso, um dos pontos colocados em questão era o da formação racial do povo brasileiro. Nessa perspectiva, as imagens do sertão estariam na contramão do processo civilizatório, não só por estarem mais distantes do modo de vida europeu, mas também por ter, na região, uma população fortemente mestiça. Nos escritos de Paulino José Soares, Ministro do Império – Visconde do Uruguai (*apud* PIRES 1979, p. 35): “A população do sertão não participava dos benefícios da nação (...)”. Continuava ainda, afirmando que “era preciso distinguir a rebelião do Sul e as dos sertões. No Sul os crimes são políticos; no sertão os crimes são frutos de outras paixões que não a política”.

Seguindo uma perspectiva norteada pelas teorias raciais, o Visconde associava, aos diferentes tipos étnicos do sertão, um tipo específico de caráter, sendo o do sertanejo um tipo menos racional que o dos indivíduos das populações do Sul. A historiografia recentemente vem se debruçando sobre esta questão das representações sobre o sertão. Em sua dissertação de mestrado, Edneila Rodrigues Chaves (2004) analisa a região de Rio Pardo, localizado no Norte de Minas Gerais e observa como foi representada, no cotidiano local, a ideia de um mundo sertanejo e, mais importante ainda, questiona em que dimensão a visão dicotômica (litoral/civilizado X sertão/bárbaro) era percebida e vivida pelas pessoas no século XIX.

É importante notar que a construção do conceito de um universo sertanejo geralmente se dá a partir de um referencial externo, o que, inevitavelmente, prejudica a análise do *locus* pesquisado, uma vez que ele é visto como um referencial de oposição a algo “civilizado”, a um modo de vida “superior”. Conforme destacado pela autora, “o sertão existia enquanto espaço de ausência das características vistas como positivas do outro, assim, foram definidos pelo que não eram” (CHAVES, 2004, p. 19).

Também Célia Nonata da Silva (2004), em sua tese de doutorado, estuda a região do sertão mineiro. Focando a sua análise na atuação dos mandões e dos bandidos na capitania, ao longo do século XVIII, a autora deixa clara a percepção do seu universo de pesquisa como um espaço de “relações culturais diferenciadas”, com relações políticas

costumeiras, baseadas em um “código moral da valentia” e em uma “tradição do poder de mando”. Definindo o sertão como “mestiço”, a autora identifica-o como um espaço propício para o fenômeno da mestiçagem por apresentar uma cultura de fronteira. Porém, objetivando distanciar-se de trabalhos que reafirmam a oposição litoral *versus* sertão, ou seja; civilização *versus* barbárie, a autora busca por uma compreensão endógena do sertão; no entanto, acaba frequentemente por recorrer aos mesmos mecanismos da comparação entre Nordeste e Sudeste para caracterizar o sertão:

O ritmo do sertão, que não será o mesmo das vilas urbanas – centros de poder da metrópole –, estruturou um modo de vida sertanejo, uma cultura tradicional e concentrou um processo de poder de mando peculiar, dando origem a uma cultura política particular no setecentos mineiro. O sertão, então, esboçou já no século XVIII uma tradição cultural sertaneja mestiça que lhe outorgaria uma forma de poder de mando sustentada numa prática costumeira do uso da valentia, das mostras da honra e no resguardo da vingança (SILVA, 2004, p. 173).

O Nordeste nos jornais

No Brasil, os primeiros jornais ilustrados tinham por modelo as publicações francesas. Os mais elaborados daqui eram caros e muitos não eram rodados em terras nacionais, mas sim na Europa. Além das publicações de preços mais elevados, havia também publicações mais acessíveis, os mais populares eram os jornais que investiam nas caricaturas. Já nos mais caros, viam-se as ilustrações de vistas do Brasil e bustos de personalidades importantes. Tal e qual os manuais escolares do período, as ilustrações nos jornais também seguiam um padrão temático: as vistas das cidades, as personalidades, as caricaturas e, a partir da década de 1860, os fatos marcantes.

Entre 1866 e 1870, a guerra do Paraguai tornou-se o primeiro evento a marcar presença nas páginas dos periódicos ilustrados, apresentando as reproduções fotográficas de cenas do campo de batalha. Segundo Andrade (2004, p. 132):

Foram muitos os fotógrafos que documentaram o evento, em seus diferentes aspectos. E até hoje, nem todas as imagens existentes têm a sua autoria esclarecida. Ali, também, temos imagens que retratam os horrores da guerra, tais como cadáveres empilhados, soldados mutilados e prisioneiros subnutridos. No Brasil, entretanto, tais imagens jamais circulavam.

Terminada a guerra, os fatos marcantes, como os assassinatos passaram a ocupar as páginas dos jornais com ilustrações que serviam para contextualizar o leitor na cena

do crime. Todavia em 1877, a seca que assolava os estados do Nordeste, levando milhares de flagelados a migrarem em direção às capitais, chamou a atenção de alguns editores. Inicialmente, em jornais nordestinos e, em seguida, também em jornais do Rio de Janeiro.

Entre os jornais cearenses que mais espaço dedicavam àquela situação calamitosa, destacaríamos *O Cearense* e *O Retirante: órgão das vítimas da seca* - este, criado exclusivamente para denunciar os horrores da seca sobre a população local e através do qual eram disparadas denúncias e severas críticas ao imperador e a seus encarregados de administrar e, segundo o periódico, 'abafar' o problema da seca do Nordeste - em especial, o conselheiro João José Ferreira de Aguiar (ANDRADE, 2004, p. 187).

Embora entre 1866 e 1870, durante a guerra do Paraguai, tivéssemos a publicação de páginas com fotos de escombros e armas de guerra, como explica Andrade, não eram publicadas imagens de flagelo humano. Com a seca de 1877, seria diferente. Se anteriormente os finos jornais ilustrados e os manuais escolares apresentavam um Nordeste domado, o que agora seria representado nas matérias ilustradas sobre a seca seria bem diferente. Não haveria cachoeiras, portos, matas, etc., em 1877, a imagem é utilizada para apresentar aos leitores a seca como fato, em toda a sua dramaticidade.

1877-1879: A cobertura jornalística da seca

O impacto da seca de 1877-1879, não apenas por seus números alarmantes, mas pelo volume de notícias e registros sobre o assunto, teria de fato impressionado a sociedade do final do XIX. Memorialistas como Rodolpho Theophilo e Pinto de Aguiar (1985), registraram os horrores da seca, quando centenas de milhares de pessoas deixaram o alto sertão em direção às cidades, em busca de assistência. Foi um momento em que a ausência de uma estrutura apropriada para a recepção desses indivíduos fez com que um verdadeiro caos urbano se instalasse, embora nos relatos oficiais a desordem e o desequilíbrio tenham sido associados diretamente à figura do retirante e não ao despreparo dos administradores públicos.

Conforme a documentação oficial da época, a seca de 1877-1879 fora devastadora nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, provocando um incrível aumento dos preços dos alimentos, num processo de evasão que, segundo as estimativas, atingira a quarta parte da população desses estados.

Também na Bahia o impacto teria sido grande, como sugere a troca de mensagens entre o Presidente da Província da Bahia e o vigário da Vila de Alcobaça, sobre o envio

de uma quantia de 160\$280 (Cento e sessenta mil, duzentos e oitenta contos de réis)³, encaminhada à vila como auxílio às vítimas flageladas pela seca das províncias do Norte. A intensidade dos danos causados pela seca de 1877, porém, constitui-se em tema controverso. Em seu *Abastecimento: crise, motins e rebeliões*, escrito basicamente a partir das fontes da época, como, os telegramas do presidente da província e relatos, o pesquisador e memorialista Pinto de Aguiar (1985), questiona as razões do curioso silêncio dos jornais baianos do período sobre a problemática da seca na Bahia. A importância da obra de Aguiar reside na discussão sobre a relação entre política, seca e representações, uma vez que, em razão da disputa política que ocupava os jornais nos primeiros meses de 1878, a calamidade que assolava o nordeste perderia deliberadamente, visibilidade. Para ele, os jornais locais teriam silenciado quanto ao fato, em virtude de questões políticas:

A disputa política que ocupa os jornais nos primeiros meses de 1878 deixa quase na sombra o noticiário sobre a calamidade que assolava o Nordeste. A situação, contudo, agravava-se dia-a-dia e já campeava livremente na Bahia a especulação resultante da escassez de produtos alimentícios (AGUIAR, 1985, s/p.).

Em 1877, as imagens da cobertura da seca procuraram demonstrar justamente o grau de degradação e sofrimento dos retirantes: corpos deformados pela fome, rostos embrutecidos pelo sofrimento. Essas imagens materializam o momento em que a construção de um repertório de imagens de uma natureza controlada, ordenada, se rompem com as mazelas da pobreza profunda de uma comunidade numerosa e esquecida pelos governantes, consolidada na figura do retirante. A seca traz consigo outra realidade, uma narrativa de desordem e calamidade. Quanto à imprensa carioca, as dimensões da calamidade irão chamar a atenção do editor d'O Bezouro, que irá enviar um correspondente para as áreas afetadas.

A Seca em O Bezouro

Criado em março de 1878, *O Bezouro*, do editor e caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro, surge como uma folha ilustrada humorística e, assumindo uma postura crítica, em abril de 1878, lança o artigo “A seca do Ceará”, onde descreve de forma sarcástica o

³ Revista de Imigração e Colonização, ano III, agosto 1942, Rio de Janeiro, Brasil, p. 36 – 37.

socorro dado pela Companhia de Feno Nacional aos animais que morriam de fome, enquanto os retirantes permaneciam sem socorro (ANDRADE, 2004, p. 190).

Em maio, o jornal enviava para uma cobertura da seca, o jovem José do Patrocínio, que já no caminho registrava suas impressões, que seriam enviadas e publicadas pela *A Gazeta de Notícias*:

Criancinhas nuas e seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados sobre crânios enegrecidos pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida, ventres desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupo, tossindo a sua anemia e invocando, com a voz fraquíssima, o nome de Deus em socorro da orfandade (ANDRADE, 2004, p. 191).

Essa descrição seria potencializada pela força das imagens captadas pelas lentes de J. A. Correa, fotógrafo cearense que, em formato de *carte-de-visite*, registra as imagens dos flagelados das secas.

O formato em *carte-de-visite* sugere que as fotos não circularam somente no meio jornalístico, mas devem ter ido além, circulando por diferentes ambientes, sendo comercializadas em casas em cujas prateleiras, as imagens da seca partilhavam o espaço com imagens de panoramas da Baía de Guanabara ou talvez de tipos humanos característicos, como aqueles fotografados durante as expedições de Ferrez.



Figura 15: J. A. Correa, Foto para *O Bezouro*.
No original em modelo *carte-de-visite*, 1877-1878.



Figura 16: Capa de *O Besouro*, de 1878.

Fonte: MIS-Fortaleza.

A presença dos suportes, atrás dos fotografados – na figura 16 – mostra que, o que foi feito para parecer um registro de uma situação espontânea, era uma reprodução, uma pose feita para o fotógrafo, não uma mentira, mas uma reconstrução. Assim, embora a seleção do fotografado, dos trajés e da pose, indiquem o desejo de criar uma imagem chocante, isso não diminui o valor da denúncia, posto que até então, embora as secas sempre tenham existido, os leitores cariocas não tinham referencial visual sobre o que de fato seria essa calamidade. As matérias escritas por José do Patrocínio e ilustradas por J. A. Correa, na leitura de Andrade (2004, p. 199), constituem-se no primeiro passo do “sistema que seria conhecido como fotorreportagem, ou seja, uma reportagem na qual as fotografias constituem a parte mais importante, acompanhadas de legendas ou textos explicativos”. Portanto, embora a fotorreportagem, como gênero jornalístico viesse a se consolidar somente nos anos de 1920, na Alemanha (FREUND, 2006) e na década de 1940, no Brasil, para Andrade, a dupla Patrocínio e Correa teriam lançado uma pequena semente, para o que futuramente, se tornaria o padrão para a apresentação do material jornalístico.

O eco das imagens de J. A. Correa pode ser percebido em interpretações posteriores sobre o Nordeste, os nordestinos e as secas, pois, antes de 1878 não encontramos referência imagética sobre o sertão seco, mas, depois da cobertura fotográfica da grande seca, imagens que se remetem à população flagelada e à natureza inóspita, aos símbolos de morte – como os urubus espreitando o retirante da figura 17 –

começam a ser mais frequentes, tanto na imprensa, quanto em outros espaços discursivos, como, por exemplo, os manuais escolares.



Figura 17: (À esquerda) Retirante. Fonte: ESPINHEIRA, 1935, p. 20.
 (À direita) J. A. Correa. Foto para *O Bezouro*. No original em modelo *carte-de-visite*, 1877-1878.
 Fonte: MIS-Fortaleza.

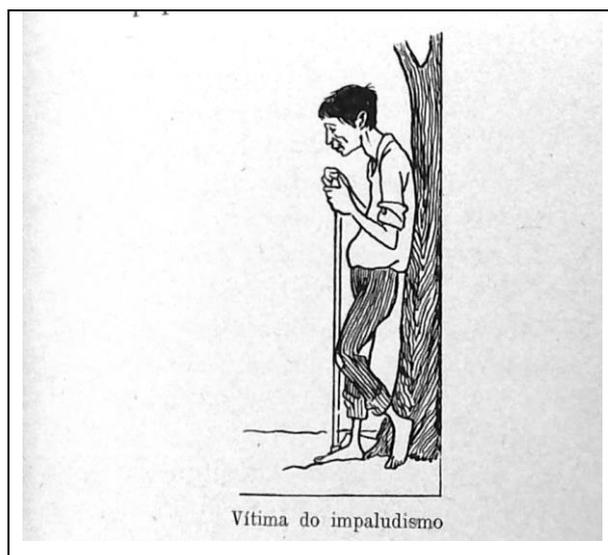


Figura 18: Vítima do impaludismo (malária).
 Fonte: ESPINHEIRA, 1935, p. 64.

No caso dos manuais de Geografia publicados a partir da década de 1930, já é possível encontrar-se imagens muito semelhantes às de Correa, geralmente, em forma de desenhos ou gravuras claramente inspiradas nas imagens divulgadas a partir de 1877, durante a cobertura da seca. Imagens de indivíduos famélicos, palhoças paupérrimas, gado morrendo e a vegetação cactácea, não eram vistas nas páginas das revistas e muito menos nas páginas dos manuais escolares antes da cobertura fotográfica da seca de 1877, mas passaram a frequentar as páginas dos manuais a partir de então. Embora a seca fosse

um fenômeno conhecido desde os tempos da colônia, podemos inferir que a cobertura jornalística ilustrada teria trazido definitivamente, para o universo das representações sobre o Nordeste, as cenas e os personagens envolvidos no flagelo das secas.

Embora possamos encontrar ainda nos finais dos anos de 1920 e na década de 1930, a representação atemporal das capitais nordestinas como centros urbanizados, a partir da narrativa de José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo e das fotografias de J. A. Correia, as paisagens do sertão com a seca, e não somente a seca, mas também o sertão com sua diversidade natural e humana passariam a dividir o espaço das páginas das revistas e manuais escolares, com as já conhecidas imagens das capitais urbanizadas.

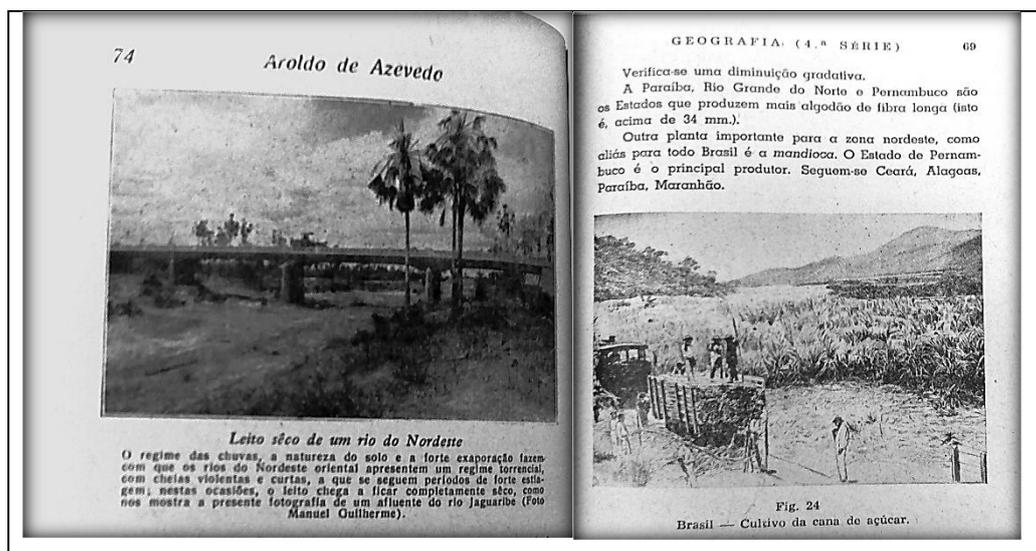


Figura 19: (À esquerda) Leito de rio seco no Nordeste. Fonte: AZEVEDO, 1944, p. 74. Paraíba (À direita) Cultivo de cana de açúcar. Fonte: LENZ, 1947, p. 69.

Tradicionalmente reconhece-se em Euclides da Cunha a criação das imagens mais marcantes que iriam estruturar as representações sobre o Nordeste e os nordestinos. Lembremos que as imagens mais fortes e duradouras da obra de Euclides foram construídas com as palavras. Ao contrário de Odair Paiva (2004) que em seu trabalho *Caminhos Cruzados. Migração e construção do Brasil moderno*, vê na obra de Euclides da Cunha o momento de criação das representações sobre o retirante, Ferreira e Dantas, apoiados na análise dos jornais da época, defendem que, não seria Euclides, mas sim a grande seca de 1877-1879⁴, a responsável pelo nascimento de um novo sujeito

⁴ Sobre esta questão, Albuquerque Jr (1996, p. 68) afirma que a seca de 1877-1879 fora a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e a atingir setores médios dos proprietários de terras. Essa opinião quanto à visibilidade conferida aos retirantes a partir da cobertura realizada sobre a seca de 1877, é compartilhada também por Lima, 2002 (Disponível também em EFDEPORTES – Revista Digital. Buenos Aires – Año 8 – nº 58 – Marzo de 2003. Em <http://efdeportes.com/revistadigital>). Ver também Neves, Frederico de Castro. *A memória do Nordeste e o Nordeste na memória*. Comunicação datilografada. Acervo do Centro de Estudos Migratórios.

coletivo: o retirante.

Associado à imagem daquele que foi derrotado pela natureza, como em *Os sertões*, o retirante seria ainda aquele que abandona sua terra em busca de um novo lugar: um aventureiro. Seria também o símbolo da desestabilização da ordem para os jovens centros urbanos em processo de desenvolvimento, como as cidades de Mossoró, Aracati e, principalmente Fortaleza, que entre 1877 e 1878 receberam cerca de 110 mil retirantes, alojados em colônias de recepção improvisadas, sem infraestrutura e sem um projeto que apontasse caminhos de sobrevivência para essas famílias. Associado ao não-ter e ao não-ser, o retirante, como representação, nasceria, portanto, como fruto de um contexto de sofrimento humano, caos social e descaso dos gestores públicos (FERREIRA e DANTAS, 2001).

Considerações Finais

Num repertório imagético inicialmente padronizado, as províncias brasileiras eram representadas por paisagens escolhidas para construir um discurso de harmonia e desenvolvimento. Tanto os manuais didáticos quanto os jornais da segunda metade do século XIX passarão a utilizar a imagem impressa como forma de ratificar um discurso civilizatório que fechava os olhos para os problemas sociais da época.

Nessa perspectiva, podemos considerar a cobertura da seca de 1877-1879 como um marco, que nos chama a atenção para um momento em que a denúncia da calamidade da seca coloca o sertão nordestino em foco.

Isso não significaria, contudo, que a partir dali o Nordeste seria visto em toda a sua heterogeneidade, ao contrário, como apontado inicialmente por Freyre (2004), a imagem das secas, com o passar dos anos, seria explorada de tal forma e com tamanha intensidade que viria a se transformar em um padrão imagético que em muitos aspectos encobriu as particularidades culturais, econômicas e físicas dos estados do Nordeste, reduzindo-os todos a um mesmo sertão seco.

IMAGES AND REPRESENTATIONS: THE BRAZILIAN NORTHEASTERN REPRESENTED BETWEEN THE LAST DECADES OF NINETEENTH CENTURY AND THE FIRST DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY

Abstract: In this article, we wish to understand how the periodic droughts and its social product, emigration, have become the most powerful representation of the landscapes and people of Brazilian Northeastern, mainly when we observe two important sources: the illustrated press and the textbooks. We can realized that both sources used the printed image as a way to ratify a discourse of civilization who closes his eyes to the social problems. After documental analysis, we consider the coverage of the drought of 1877-1879 as a landmark for both the birth of photojournalism, as to the rising of a press that wishes to denounce the calamity of drought.

Keywords: Brazilian Northeast. Illustrated press. Textbooks. Photojournalism.

Referências**Manuais escolares**

ACERVO de manuais escolares LIVRES – FEUSP.

ACERVO de manuais escolares da BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA. BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DO MINHO.

AZEVEDO, Aroldo. Geografia do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

ESPINHEIRA, Ariosto. Viagem através do Brasil, vol. II. Nordeste. Ilustrações do autor. São Paulo-Caieiras-Rio de Janeiro: Editora Companhia Melhoramentos, 1939.

FRAZÃO. Manoel José Pereira. Noções de Geographia do Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Esperança de J. D'Aguiar, 1883.

HOMEM DE MELO. Geographia – Atlas do Brasil e das cinco partes do Mundo. 2ª parte: Os Estados do Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguieta e Cia, 2ª edição revista e muito aumentada, 1923.

LACERDA, Joaquim Maria. Curso methodico de Geographia physica, politica e astronomica: composto para uso das escolas brazileiras. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Editor. Terceira edição, 1884.

LENZ, Luiz G. Geografia regional do Brasil. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1947.

MENEZES, Estácio de Sá. Noções Elementares de Geographia. Rio de Janeiro: S. L. Garnier – Livreiro Editor, 1885.

PARANÁ, Sebastião. Os estados da república. Para uso nos gymnasios e nas escolas normaes. Coritiba: Editores – Buzeti-Mori e Filhos, 1911, primeira edição.

PINTO, Alfredo Moreira. O Brazil em 1885. Províncias do Brazil. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, Segunda Edição, 1885.

REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, ano III, agosto 1942, Rio de Janeiro, Brasil.

SCHWALBACH, Geografia. Portugal, colónias portuguesas, Brasil e regiões polares. Livrarias Aillaud; Bertrand; Livraria Chardron e Livraria Francisco Alves: Paris, Lisboa, Porto e Rio de Janeiro, 1.93?

SCROSOPPI, Horácio. Chorographia do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

VILLA-LOBOS, R. Chorographia do Brazil. Rio de Janeiro: Laemmert A. C. – Editores, quinta edição, 1906. (sem ilustrações)

Bibliografia

AGUIAR, M. P. Abastecimento: crise, motins e rebeliões. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985. Coleção Redescobrimto do Brasil, vol. 4.

ALBUQUERQUE JR., D.M. A invenção do Nordeste e outras artes. Ed. Cortez: São Paulo, 1996.

ANDRADE, Joaquim M. P. Do gráfico ao fotográfico: A presença da fotografia nos impressos. In: CARDOSO, Rafael (org.). O Design brasileiro antes do design. Aspectos da História gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CARDOSO, Rafael (org.). O Design brasileiro antes do design. Aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: cosac naify, 2006.

CHAVES, Edineila Rodrigues. O Sertão de Rio Pardo: sociedade, cultura material e justiça nas Minas oitocentistas. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH – UFMG, Belo Horizonte, 2004.

FERNANDES, Mário Gonçalves. Manuais escolares de Geografia: imagens, cartografia e divisões regionais. Universidade do Porto, 2007. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4181.pdf>. Acessado em 20 de julho de 2011.

FERREIRA, A.L.A. e Dantas, G.A.F. Os indesejáveis na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Universidad de Barcelona, nº 94, Migración y Cambio Social, 01 de agosto de 2001.

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social*. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos e influências da cana sobre a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7ª. Edição, São Paulo: Global, 2004.

GASKELL, Ivan. *História das Imagens*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992.

IVINS JR., William M. *Prints and visual communication*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts; First published in USA, 1953. Disponível em <http://www.archive.org/details/printsandvisualc009941mbp>. Acessado em 20 de março de 2011.

KRAUSS, Rosalind. *Os espaços discursivos da fotografia*. In: *O Fotográfico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2002.

LIMA, Ariza Maria Rocha. *A seca, o sertanejo e a ginástica sueca na batalha da borracha (1942-1945)*. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia [et al.]. *História e Memória da Educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

MARTINS, Ana Luiza *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Aldo Gonçalves. *A cartografia escolar e o ensino de Geografia no Brasil: um olhar histórico e metodológico a partir do livro didático (1913-1982)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2010. Disponível em http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/11/TDE-2010-10-08T133815Z-682/Publico/parte1.pdf. Acessado em 15 de julho de 2011.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados. Migração e construção do Brasil moderno (1930-1950)*. Bauru: EDUSC, 2004.

PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Belo Horizonte: edição do Autor, 1979.

SANTOS, Renata. *Imagem Gravada - A Gravura no Rio de Janeiro Entre 1808 e 1853*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SILVA, Célia Nonata. *Mandões e Bandidos na capitania das Minas*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2004.

SISSON, Sebastien Auguste. *Álbum do Rio de Janeiro Moderno*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon395084/gallery/index.htm. Acessado em 15 de julho de 2011.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

ZIMMERMANN, Tânia R. *Apontamentos sobre civilização e violência em Norbert Elias*. In *HISTÓRIA EM REFLEXÃO* v. 2, p. 55-65, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Ivete Batista da Silva Almeida é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); Professora da Faculdade Shalom de Ensino Superior e do Instituto Passo1.

José António Martin Moreno Afonso é doutor em História; Professor do Instituto de Educação da Universidade de Minho, Portugal.

Recebido em 01/02/2015

Aceito em 09/05/2015